

CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E A IMENSA RELEVÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO EM PLENA CONSTRUÇÃO.

ALEXSANDRA GONÇALVES
APARECIDA GRACIELE DE ALMEIDA

RESUMO

O objetivo alvo deste artigo é mostrar a extrema importância que a história enquanto matéria, referencial e memórias de vida, podem ser útil no processo de aprendizagem dos discentes matriculados no ciclo do ensino fundamental, refletindo a história não apenas como ponto de ensino escolar, mas como item essencial para a formação do indivíduo brasileiro, dando a eles percepções de si mesmos como cidadãos, mostrando a própria memória que o seu país carrega, sem esquecer da posição do docente atuante como ator pedagógico no ensino. Assim, apresentam-se neste estudo muitas visões com contrapontos intensos resguardados por referenciais teóricos enriquecidos de ideias pedagógicas para enlaçar a relevância dessa modalidade de estudo no ensino fundamental.

Palavras-chave: História, Matéria, Ensino de História, Ensino fundamental,

1 - INTRODUÇÃO

A história é definida como ciência e tem em si a incumbência de investigar, atestar, mostrar e registrar fielmente o passado dos nossos antepassados. Agora olhando para a História como matéria, é impossível não enxergar que a mesma passa a cada ano por inúmeras metamorfoses e atualmente, tais transformações têm feito os livros serem reescritos constantemente e tal mudança também influi no que é, e pode ser ensinado no ensino fundamental.

O ensino específico de história foi consolidado como matéria integrante das bases no ensino tornando-se específica, e nas últimas décadas, esta modalidade de ensino carrega milhões de informações para corroborar com o desenvolvimento individual do aluno embora, por falta de didática e aderência do professor com a matéria acaba fazendo em alguns casos o discente sentir-se um tanto quanto perdido com tamanha informação dada e cobrada em cada caso histórico e, quando os fatos incluem em sua conceituação a temporalidade,

personagens abstratos e datas diversas, torna-se então esta modalidade de ensino ainda mais maçante e intitulada pelos alunos como “chata”.

Logo, é possível considerar necessário o ensino da história no ensino fundamental desde que, ludicamente passado noções de construção e entendimento de temporalidade, visto que, exemplificar e tornar claro o que é tempo nunca foi tão fácil quando se parece quando pensamos em história e ensino do mesmo.

De acordo com os achados de (OLIVEIRA, 1995, p.263-264), poucos historiadores interessam-se pelo processo de construção do conhecimento histórico em crianças. Muitos sequer acreditam em uma possibilidade de a criança aprender história nas séries iniciais.

A partir desta valorosa consideração teórico prática, deve-se colocar em ação o entendimento de que o ensino da história no ensino fundamental é mais do que passar conteúdo a frente, envolve-se neste contexto a inclusão do discente como sujeito que carrega empiricamente muitas visões de mundo, de si mesmo, sendo necessário então, colocar em meio a tantas informações as próprias experiências de vida do professor e do aluno correlacionando tais contribuições para que se faça presente e assertiva a presença ativa da matéria na vida dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

2 – A PRÁTICA EFETIVA E ASSERTIVA DO ENSINO DA HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Entender que o ensino de história ou de qualquer outra matéria da matriz curricular do ensino fundamental envolve, relacionar em todo o tempo a bagagem trazida pelo aluno, é saber que isso é um dos pontos chaves para o sucesso da aquisição do conhecimento e explorar ativamente estes fatores é dignificar a história e o aluno juntos, exemplificando casos reais de sua realidade com a história narrada nas literaturas.

Concordando com o imenso valor que (CRUZ, 2003, p. 2) menciona em sua fala, é possível compreender que:

Estudar História e Geografia na Educação Infantil e no Ensino Fundamental resulta em uma grande contribuição social. O ensino da História e da Geografia pode dar ao aluno subsídios para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva.

Cabe ao professor antecipar-se preventivamente em relação aos

pensamentos disfuncionais dos alunos em relação a visão da matéria em sala de aula, antes que tal ensino seja visto como “chato”, o professor precisa integralizar a história dinamicamente e trazer aos olhos dos discentes as imensas contribuições que a história pode trazer-lhes.

De acordo com as políticas norteadoras encontradas nos Parâmetros curriculares nacionais de História e Geografia para o Ensino Fundamental é possível compreender e ver a tamanha relevância que o ensino de História mostra estando este, nitidamente atrelado à mensuração da identidade do indivíduo:

A opção de se introduzir o ensino de História desde os primeiros ciclos do ensino fundamental explicita uma necessidade presente na sociedade brasileira e acompanha o movimento existente em algumas propostas curriculares elaboradas pelos estados. (...) A demanda pela História deve ser entendida como uma questão da sociedade brasileira, ao conquistar a cidadania, assume seu direito de lugar e voz, e busca no conhecimento de sua História o espaço de construção de sua identidade. (BRASIL, 1997, p.4-5)

Os professores atuantes e recém chegados devem entender que o cérebro de uma criança em desenvolvimento cognitivo funciona de maneira singular em cada estudante, com intensidades e aquisições diferentes, em tempos diferentes e juntar a prática pedagógica com a neurociência pode ajudar muitos educadores a entenderem seus alunos e sempre que for possível reformular a forma com que trazem o ensino de história para a sala de aula sendo isso algo significativo para melhoria da qualidade do ensino fundamental.

Fonseca (1997, p. 18) em crítica literária nos mostra que:

A proposta de metodologia de Ensino de História que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos, que cotidianamente atuam, transformam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivências: em casa, no trabalho, na escola.

Não cabe somente o professor saber identificar os elementos que a fundamentam a sua prática, também lhe é demandado saber transferir com responsabilidade as complexidades de cada matéria. Quando o estudante é colocado diante de algo que já vivenciou e se vê contrapondo atos que nos livros acabaram de se tornar visíveis e não mais abstratos, neste momento o ensino da história começa a ocorrer, fazendo parte da evolução daquele ser singular que é o nosso aluno.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 35-36)

O saber histórico escolar, na sua relação com o saber histórico, compreende de modo amplo, a delimitação de três conceitos fundamentais: o fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico. Os contornos e as definições que são dadas a estes três conceitos orientam a concepção histórica, envolvida no ensino da disciplina. Assim, é importante que o professor distinga algumas dessas possíveis conceituações.

Diante disso, se faz urgente entender que, o ensino de História no ensino fundamental tem o dever de além da reflexão, através das identificações enxergadas na aula deve-se constantemente motivá-los a escrever a sua própria história dando identidade a ela como ser singular que é.

Os caminhos usados por professores que optam por “aulas” sem dinamismo, sem vida, sem entonação colocam-se como pedras de tropeço na vida do discente.

Concordando com os achados de Cruz (2005), é necessário dinamizar conceitos como, o fato histórico: uma reflexão sobre a atividade cotidiana; o tempo histórico: suporte para uma avaliação sobre o tempo e finalmente, uma observação e avaliação sobre as ações cotidianas que identificam o sujeito histórico, partindo da premissa do cotidiano da criança.

E na ótica do saudoso Freire (1996, p. 136) nos ensinando que:

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História

Se faz improrrogável dimensionar o ensino e a aprendizagem de História no ensino fundamental sendo este, feito de modo prazeroso, visto que não se pode direcionar conhecimento de forma parada, maquinal, apenas em letras com o mínimo de contexto ao que no primeiro momento mostrar-se-á abstrato ao estudante. A construção do saber em história envolve muitas correlações e dentre elas destaca-se:

- Construção do Saber ativo e compartilhado.
- Construção do Ser e sua história individual.
- Diferenciação de temporalidades.

- Entender fielmente o real significando e os valores que carregam o presente e as construções ativas avindas do passado.
- Propiciar a interação e a cooperação na aceitação das histórias dos colegas.
- Mapear constantemente o caminho seguido entre a aprendizagem e o conhecimento dos discentes.
- Provocar a disponibilidade para a aprendizagem de acordo com as experiências trazidas

A partir desse entendimento, Terra e Freitas (2004, p 7) constataam que os docentes da matéria de História:

Provocam reflexões sobre como o presente mantém relações com outros tempos, inserindo-se em uma extensão temporal, que inclui o passado, o presente e o futuro; ajuda analisar os limites e as possibilidades das ações de pessoas, grupos e classes no sentido de transformar realidades ou consolidá-las; colabora para expor relações entre acontecimentos que ocorrem em diferentes tempos e localidades; auxilia a entender o que há de comum ou de diferente no ponto de vista, nas culturas, nas formas de ver o mundo e nos interesses de grupos, classes ou envolvimento político; enfim, são questões mais comprometidas em formar pessoas para analisar, enfrentar e agir no mundo.

O docente que tem a incumbência de disseminar tal matéria no ensino fundamental deverá também, trazer o estudante para a sua auto percepção em relação a matéria e a sua visão de si mesmo como cidadão atualmente proporcionando caminhos para a formação de sua individualidade e identidade.

3 – O DOCENTE E O ENSINO DE HISTÓRIA NOS DIA ATUAIS

Todo aspirante a profissão docente deve, antes de declarar-se PROFESSOR, saber o que lhe cabe em relação a sua profissão e identificar qual é a sua real função na educação fundamental.

Ensinar história exige muito mais que um simples diploma, o ensino de tal matéria exige total energia do docente para identificar quais são expectativas e se elas existem, quais as necessidades de desenvolvimento integral dos seus estudantes em relação a matéria de história.

Em relação a aquisição de conhecimento e a formação de novos olhares para o mundo, a missão da profissão docente vem carregada de extremo compromisso em adaptar os novos saberes as múltiplas linguagens e tirar toda nomenclatura abstrata para que caráter do indivíduo, sua individualidade e a sua capacidade de auto formulação de opinião sejam formadas com ajuda do professor na presente matéria.

Um dos pilares existentes sobre o ensino de história no ensino fundamental é formação sobre o entendimento da autoconsciência história do ser vivente atual em relação as origens da humanidade.

O profissional docente e toda a gestão escolar atualmente têm se esforçado bastante para assegurar o direito e o entendimento das múltiplas linguagens e as pluralidades de diferenças que convivem no espaço formal de educação.

Resguardando e defendendo a todos o direito de serem respeitados e terem livre expressão sobre a sua religião, sua cor, suas crenças familiares, suas bagagens empíricas e o gênero sexual no qual se identifica afim de que, todas essas diferenças possam efetivamente fazer parte dos objetos de ensino na matéria de história.

Concordando com Caniato, (1997. p, 65) podemos observar que:

A escola deve e pode ser o lugar onde, de maneira mais sistemática e orientada, aprendemos a Ler o Mundo e a interagir com ele. Ler o mundo significa aqui poder entender e interpretar o funcionamento da Natureza e as interações dos homens com ela e dos homens entre si. Na escola podemos exercitar, aferir e refletir sobre a Ação que praticamos e que é feita sobre nós. Isso não significa que só na escola se faça isso. Ela deve ser o lugar em que praticamos a Leitura do Mundo e a Interação com ele de maneira orientada, crítica e sistemática.

A partir da afirmação de Caniato, podemos inferir que o professor de história pode exercer relevante influência sobre as manifestações históricas da sua matéria.

Com um contraponto benéfico a esta escrita, Fonseca, (2003, p. 89) nos exorta que é preciso exercer a prática da matéria de história como “fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora.”

(...) o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma

reinvenção permanente (FONSECA, 2003, p. 71).

Pensando de modo assertivo a práxis educacional, podemos atestar com fiel certeza que, a disciplina de história contribui com louvor para a formação do indivíduo em relação a sua consciência sobre saberes históricos e sociais que se revelem na sala de aula através das literaturas.

Se faz necessário que o docente responsável pela matéria de história, de ao seu período com o estudante a sua identidade docente na forma de transferir o conhecimento, alertando que os livros são um referencial e quem transforma a referência em ação conscientizadora é o professor.

Para firmar o parágrafo anterior, se faz necessário citar os ensinamentos de Freire (1996, p. 29) onde nos ensina que:

não há pesquisa sem ensino (...) Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para contratar, contratando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Assim, o profissional docente não deve jamais perder o desejo pela pesquisa e pela auto-gestão das suas aulas em relação a assertividade de inferência no estudante.

Knass (2001, p. 29-30) nos ensina que:

(...) o processo de aprendizagem confunde-se com a iniciação à investigação, deslocando a problemática da integração ensino- pesquisa para todos os níveis de conhecimento, mesmo o mais elementar. A pesquisa é assim entendida como o caminho privilegiado para a construção de autênticos sujeitos do conhecimento que se propõem a construir sua leitura de mundo

Luckesi (1984, p. 46) também nos exorta quanto a práxis instrutiva afirmando que:

Um educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

Pensar a práxis educacional do profissional docente em relação ao ensino fundamental é juntar pontos inquestionáveis tais como:

- Trazer a imaginação para dentro da sala de aula para se possa mensurar situações do presente e do passado.
- Oportunizar o diálogo em conjunto com os alunos para troquem suas experiências de vida relacionando-as com o presente tema da matéria.
- Exercitar a prática da autopercepção, visão autocrítica sobre os assuntos polêmicos da atualidade.

O ensino de história no ensino fundamental se exercido de forma coerente, pensando no ponto central do objeto que é o aluno fará tal matéria ser mais do que essencial, enriquecerá culturalmente o estudante preparando-o para os novos acontecimentos históricos que estarão por vir.

4 – PROJEÇÕES ASSERTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA DO ESTUDANTE.

No decorrer deste artigo está sendo lembrado constantemente que o ensino de História no ensino fundamental tem imensa magnitude quanto ação para o desenvolvimento do aluno.

O ensino de história quando projetado de forma inteiramente funcional, acabará benéficamente trazendo bons auxílios para a formação do sujeito como cidadão para compreender os fatos acontecidos antes do seu nascimento e o seu assertivo posicionamento em relação aos fatos atuais diariamente mostrados por todos os tipos de mídia.

De tal maneira, quando indagamos o aluno a mostrar suas sensações sobre fatos e notícias intrigantes, ajudamos em sua maioria e em todo o tempo, na formação de um sujeito autocrítico, reflexivo, atento as conjunturas do que é revelado nos dias atuais, auxiliando na formação de suas opiniões ajudando-os sempre a ponderar suas convicções antes de proferirem respostas.

Através das afirmações que Zamboni (1993, p. 7) nos traz, podemos considerar que,

O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua formação intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertença.

Quando relacionamos a História com noções de pertencimento social, individuais e coletivos, podemos facilmente enxergar que o ensino de história não apenas relata fatos intersociais de um mundo inteiro. Mas também treina e contribui com os entendimentos do estudante na sua completa cidadania municipal, estadual e nacional compreendendo o que cada esfera citada representa em sua vida em relação aos seus direitos e deveres de cada ponto defendido e assegurado pela história generalista.

Nos referenciando por Oriá (2006, p. 134) podemos afirmar o quanto a história pode influir beneficentemente nos processos de formação do estudante como cidadão em sua comunidade onde refletimos que:

compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou seu valor histórico. (...), pois é revelador e referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural.

O ensino de história no ensino fundamental é muito mais do que metas e objetivos traçados em um planejamento maquinal onde conseqüentemente acaba burocratizando do ensino fazendo a própria escola perder a sua identidade e a sua competência.

Ensinar história é sem dúvida preparar um novo elemento para fazer parte como ator cidadão, é prepará-lo para todas as circunstâncias que lhe aparecerem no futuro.

A escola prepara o aluno para compreender questões bastantes específicas encontradas nas demais matérias da matriz curricular, contudo, em cada matéria haverá algo para a contribuição do estudante como cidadão.

Terra e Freitas (2004, p. 8) nos afirma que o ensino de História é sim um incrível ponto de formativo para a formação do estudante enquanto cidadão e tal prática:

Inclui a percepção pelo aluno de sua sociedade, considerando que tem sido construída a partir de relações entre indivíduos, grupos, classes sociais, interesses econômicos, costumes e mentalidades, os estudos históricos podem contribuir, por exemplo, para que ele compreenda sua sociedade como uma construção coletiva (...)

Borges (19870 p. 47-48) também corrobora nos ensinando que:

(...) a história procura especificamente ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. A transformação é a essência da história. Quem olha para trás, na história de sua própria vida, poderá compreender isso facilmente. Nós mudamos constantemente; isso é válido para o indivíduo e é válido para a sociedade. Nada permanece igual e é através do tempo que se percebem a mudança.

Portanto, ajudar o aluno a refletir com seus colegas, dando-lhes consciência de que todos nós somos sujeitos aptos a sermos atores cidadãos da história social atual e que toda e qualquer mudança pode sim ser proposta por cada brasileiro e que cada um com sua parcela de conhecimento pode ajudar a escrever a história atual da sua sala, da sua escola, do seu bairro e do seu país. É sem dúvida uma imensa contribuição do ensino de história quanto matéria e instrumento de auxílio na evolução do estudante em relação a sua realidade.

O professor perspicaz do poder que tem em mãos para fazer uma escola ativa de pessoas desde cedo autocríticas sobre os acontecimentos que lhes acontece é sem dúvida um profissional dotado de sua missão para com os novos moradores deste mundo.

Ensinar história é compreender e auxiliar para que todos os alunos se sintam parte desta nação com voz ativa e propriedade em suas falas. É dar instrumento para um diálogo bem redigido e que faça sentido em suas experiências futuras.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este artigo se faz extremamente urgente, mesmo que por um instante refletir, sobre o que realmente é, ser um docente no ensino de história na modalidade de ensino fundamental?

Em dias atuais em que muitas são as opiniões contrastantes sobre a realidade da educação no Brasil, ainda é possível afirmar que dar aulas literalmente é uma missão que poucos conseguem fazer com excelência.

Ser um intercessor da aprendizagem através do ensino de história envolve muito mais do que conhecer ativamente o campo de atuação e suas peculiaridades.

A pós modernidade nos faz ver que, uma criança não nasce mais de olhos fechados como víamos a 20 ou 30 anos atrás, dias em que as novas tecnologias se fazem presentes tão cedo nas vidas de nossos estudantes, as chances de matérias como história, geografia, ciências de se tornarem obsoletas caso os vigentes docentes não perpetuem a sua existência nos corações e nas falas ativas dos nossos alunos.

A partir deste pensamento, é preciso entender que a disciplina de história é muito mais do que uma leitura guiada e posteriormente cobrada através de provas e avaliações complexas, pois as noções fieis de tempo e da ação do homem de ontem e de hoje deve ser passado ao estudante em conjunto com a elucidação dos fatos históricos.

Deixar que o aluno como sujeito singular, compartilhe de suas sensações ao novo aprendizado e que deixar florir todas as dúvidas e respondê-las satisfazendo a curiosidade que se fizer presente com a história que lhe é mostrada.

Provocar para a formação de uma leitura autocrítica do estudante dando-lhe suporte para calcular as informações passadas é uma das atribuições do professor de história do ensino fundamental enquanto agente facilitador da matéria.

O ensino de história no ensino fundamental é irrefutavelmente relevante visto que, se fornecido com amor e expertise contribuirá para que o aluno possa compreender claramente os fatos apresentados sobre o passado e as constantes revelações que se fazem no presente

É possível ver no decorrer do presente artigo, que uma das bases norteadoras para o fazer educativo na matéria de história são as assertivas contribuições dos parâmetros curriculares nacionais que nos direciona o ensino da matéria de história levando em consideração as bagagens trazidas pelo estudante em todo o tempo em relação ao meio que ele vive, fazendo assim correlações no presente ensino.

Por fim, o trabalho com a estimada disciplina deve constantemente trazer o estudante para convivência e interpretação clara da sua liberdade de expressão com entendimento sadio e ponderado, ensinar história no ensino fundamental é treinar o cidadão para que ele se projete no mundo existente do lado de fora da sala de aula e faça a diferença ao se pronunciar com todos os assuntos que lhe forem apresentados.

O Docente da atualidade deve mostrar que o ensino de história não se baseia de modo preso a datas comemorativas, datas religiosas, feriados dias de mortes que marcaram o mundo, a história é um instrumento clareador de muitos contextos em cada acontecimento.

Em suma, o ensino de história no ensino fundamental é, e pode se tornar uma das matérias preferidas do estudante, e quando o mesmo ganha oportunidade de compartilhamento coletivo do seu pensamento, ali começa a formação do aluno autocrítico, aluno formador de opinião e acima de tudo um cidadão engajado em escrever a sua própria história hoje e para o futuro.

6 - REFERENCIAS

- ABUD, Kátia. **Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola Secundária.** In: BITTENCOURT, Circe (Org). O Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001.
- BORGES, Vavi P. **O que é história.** S. Paulo, Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANIATO, Rodolpho. **Com Ciência na Educação.** 3ª reimpressão. Campinas: São Paulo. Papyrus, 1997.
- CARR, Edward Hallet. What is history? **Que é História?** Tradução de Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro, 3ª Ed. 1982. Paz e Terra
- CRUZ, G. T. D. **Fundamentos teóricos das ciências humanas: história.** Curitiba: IESDE, 2003.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **INTERDISCIPLINARIDADE: história, teoria e pesquisa.** 4 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.
- FLORESCANO. Enrique. **A função social do historiador.** Tempo (Revista do Departamento de História da UFF) Rio de Janeiro, 1997, vol. 4 . p. 66-68
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. 1996. Paz e Terra. **Pedagogia do Oprimido.** 45. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada.** Campinas: Papyrus, 1993. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados .** 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.
- KNASS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In. NIKITIUK, Sônio M. Leite (org). **Repensando o ensino de História.** – ed. – São Paulo, Cortez, 2001.
- KOCHHANN, Andréa. **Por uma pedagogia psicanalítica: as vicissitudes na formação de professores.** Dissertação de mestrado em Educação com área de concentração em Psicanálise. Goiânia: 2007. 228 p.
- LUCKESI, C. **Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo.** Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, ABT, 13(61): 6-15, nov./dez., 1984.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **A História continua. Do mundo à sala de aula: o saber histórico escolar.** Revista do Laboratório de Ensino de História, UFF. Niterói, v.3, n.3, 1999. **A História ensinada: algumas configurações do saber escolar.** História & Ensino. Londrina, v.9, 2003.

MOREIRA, A.F.B. **Desafios Contemporâneos no Campo da Educação: A Questão das Identidades.** In: e PACHECO, J.A. (org.). *Globalização e Educação: Desafios para Políticas e Práticas.* Porto: Porto, 2006.

NADAI, Elza. **A Escola Pública Contemporânea:** os currículos oficiais de história e o ensino temático. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.6, nº 11, p.99-116, set.1985/fev.1986.

O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.13, nº 25/26, p.143- 162, set.1992/ago.1993.

OLIVEIRA, S. R. F. de. **O ensino de história nas séries iniciais:** cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História / UEL.* vol. 9. Londrina: UEL, out. 2003. p. 259 – 272.

ORIÁ, Ricardo. *Memória e ensino de História.* In: BETTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na sala de aula.** 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 128 – 148. SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Proposta Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro, 2000.

TERRA, Antonia e FREITAS, Denise. **Referencial Curricular de História da Fundação Bradesco.** Págs. 2-12. São Paulo. Dez/2004.

ZAMBONI, E. **O ensino de história e a construção da identidade.** São Paulo: SEE/Cenp, 1993.